



Corpo vestido no social: contribuições da semiótica para o estudo da aparência e da identidade

The dressed body in society: contributions of semiotics to the study of appearance and identity

Ana Claudia de Oliveira¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6528-8143>

[resumo] O presente artigo aborda como é formada a aparência (um parecer) que manifesta o ser por meio do corpo vestido que integra a história humana e como se constroem os tipos de articulação sincrética das linguagens que constituem o plano da expressão materializando o plano do conteúdo; discute-se, assim, como se processa, na plasticidade rítmica, a tradução em linguagens do que figurativiza o corpo vestido. Intenta-se também expor como a teoria semiótica, com o seu método – percurso gerativo do sentido nos níveis profundo, narrativo e discursivo –, possibilita dar conta dos regimes de interação, sentido e risco nesse tipo de imbricamento, em que enunciado e enunciação configuram totalidades de sentido. Ao visar um panorama do alcance da teoria semiótica, o artigo tem como objetivo apresentar as passagens entre as diferentes sintaxes em suas lógicas, regentes tanto da constelação da prudência quanto da aventura, que permitem caracterizar a presença ao mundo do sujeito, de grupos e da sociedade. Com esse aporte, propõe-se contribuir para o estudo analítico-interpretativo da apreensão e da produção de sentido do corpo vestido no social, na constituição da aparência e na formação identitária em relação às alteridades.

[palavras-chave] **Corpo vestido. Semiótica. Sincretismo de linguagens. Regimes de sentido, interação e risco. Enunciado e enunciação.**

[abstract] The article discusses how the appearance that manifests the being through the dressed body, which integrates human history, and how the types of syncretic articulation of the languages that constitute the plane of expression materializing the content plane are formed and how the translation in languages of figurativity of the dressed body is processed in rhythmic plasticity. As semiotic theory, with its method – generative path of meaning at fundamental, narrative and discursive levels – makes it possible to account for the regimes of interaction, meaning and risk in the analysis of the types of organization in which enunciated and enunciation configure totalities of meaning. By aiming at an overview of the scope of semiotic theory, the article aims to present the passages between the different syntaxes in their logics, regents of both the constellation of prudence and adventure that allow characterizing the presence to the world of the subject, groups, and society. With this contribution, the proposition to contribute to the analytical-interpretative study of the apprehension and production of meaning of the dressed body in the social, its constitution in appearance and identity formation in relation to otherness.

[keywords] Dressed body. Semiotics. Syncretism of languages. Sense, interaction and risk regimes. Enunciated and enunciation.

Recebido em: 18-03-2021.

Aprovado em: 31-03-2021.

¹ Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP: FAFICLA - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica). Pós-Doutorada em Semiótica na E.H.E.S.S. com A. J. Greimas (1989-1991) e com E. Landowski (1992-1994). Codiretora do Centro de Pesquisas Sociosemióticas-CPS. E-mail: anaclaudiamei@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2458418074368433>.

Corpo e roupa como saberes

Ao se confundir com a própria história humana, a roupa que veste o corpo está registrada em incontáveis manifestações, desde urnas funerárias, pinturas, estatuárias, desenhos até literatura, entre outras modalidades, atravessando os séculos, o que a torna um dos artefatos mais característicos da humanidade. Em suas figuratividades e plasticidades, animada pelo movimento ritmado em complexo imbricamento, a roupa carrega, na interação com o corpo e nas mais diversas sociedades, a própria história das pessoas no mundo pelos saberes e, mais ainda, pelos sentidos que põe em circulação.

No passar dos séculos, os processos de cultivo das espécies naturais, a domesticação dos animais, o desenvolvimento dos meios de manufatura e a produção vestimentar artesanal foram constantemente aperfeiçoados pelas pessoas e integrados ao seu meio social. Nos sucessivos descobrimentos e contatos com outros povos, os *achados* de lugares até então desconhecidos pelo mundo ocidental e os agrupamentos isolados de culturas diversas tornaram-se objeto de busca, cujos valores tangíveis ou não foram aos poucos incorporados às práticas sociais das nações que detinham o poder das viagens e das expedições para o exterior. Nos contatos entre povos distintos, vários exemplos de adaptação e de formação de novas práticas são encontrados na história da indumentária.

Pode-se conjecturar que as variações das técnicas referentes à produção da vestimenta mostram o contínuo e o crescente desejo humano de criar e inovar na confecção de manufaturas, assim como ocorre com a construção do corpo igualmente submetida a essa volição que foi ao longo dos tempos calculadamente animada pelos valores econômicos. Assim, roupa e corpo são produções de sentido que se transformaram conforme as escolhas de destinadores regentes a fim de delinear as aparências do sujeito no social.

Corpo e roupa em interação sincrética das linguagens

Como peles, o corpo e a roupa, na sua tridimensionalidade, cobrem-se e sobrepõem-se um ao outro, conformam-se ou, ao contrário, um intervém no outro prolongando-o, mas também guardando distâncias e/ou mantendo-se em paralelismos. Essas possibilidades de interação dependem da dinâmica que criam e dos movimentos corpóreos. A partir dessas oportunidades articulatórias, as linguagens do corpo e da roupa erigem articulações com outras linguagens constitutivas do plano da expressão, como a cinética, com os deslocamentos que formam a dinâmica rítmica, a gestualidade com que o corpo vestido exprime em suas falas verbais e ocupa o espaço tridimensional das cenas no ato de assumir poses, posturas, atitudes que constroem o estar do sujeito em presença de outrem. Esses tipos de sincretismo são estabelecidos a partir das relações que demarcam como uma linguagem atua em interação com a outra, na formação do plano da expressão, da manifestação do corpo vestido. Esses tipos de sincretismos, alhures os denominei de sincretismo por concatenação *versus* sincretismo por separação, sincretismo por concentração *versus* sincretismo por expansão².

² Para mais informações e aprofundamento sobre os tipos de sincretismos e suas passagens, consultar OLIVEIRA, Ana Claudia. de. A plástica sensível da expressão sincrética e enunciação global. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de.; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). Linguagens na comunicação. Desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2009, p. 79-140.

Para avançar mais na compreensão das articulações dessas linguagens constitutivas, defendemos que a plasticidade, seguindo a rítmica do modo, do arranjo do plano da expressão, materializa o plano do conteúdo a partir de como se opera a tradução em linguagens do mundo, ou seja, de como esse processo relacional entre plasticidade rítmica (expressão) e figuratividade (conteúdo) esteia as relações entre o plano da expressão e o do conteúdo.

Tanto a roupa como o corpo foram e são também meios, mídias, que não se reduzem a um veículo da figura humana, mas antes de tudo constituem a própria pessoa como um sujeito situado em dada sociedade, com o seu corpo vestido para si mesmo e, principalmente, para o(s) outro(s). Daí distinguirmos que essas semióticas constitutivas do corpo vestido, com os tipos de articulação sincrética entretecidos entre elas, vão propiciar amplas possibilidades de o sujeito vestido descobrir-se para além do mero uso prático, simbólico, estético e estésico que constituem os usos significantes de um dado vestir.

Objetivamos mostrar, neste artigo, como são formados os caminhos diferenciados do corpo vestido, a partir dos jogos de articulação das linguagens que, em seus arranjos da plasticidade rítmica, vão concretizar os investimentos de mais complexidade apreendidos no plano do conteúdo – como ocorre em quaisquer outros objetos de análise que a teoria semiótica desenvolveu e vem desenvolvendo por meio de seus procedimentos metodológicos. A esse respeito, apresentamos, a partir dos componentes integrantes da sintaxe e da semântica que compõem de maneira mais ou menos autônoma as diferentes etapas do percurso gerativo de sentido (PGS), o método geral da teoria semiótica. Como desenvolvimento teórico das postulações de Greimas, avançamos na abordagem da sintaxe semionarrativa, a partir das postulações de Eric Landowski (2005) e, por isso mesmo, considerando as passagens entre as diferentes sintaxes que estruturam os *regimes de sentido, interação e risco* fundantes do arcabouço de uma teoria geral do sentido³. Além disso, retomamos e ampliamos algumas postulações a respeito da sintaxe discursiva que temos tratado no âmbito das interações discursivas (OLIVEIRA, 2014).

Da mídia impressa à fotografia e às redes sociais: do destinador midiático centralizador ao destinador múltiplo e disseminado

Se, historicamente, o corpo e a roupa explicitam vários conhecimentos tecnológicos da produção vestimentar, eles revelam igualmente uma gama de modos com ações distintas na constituição do social que Landowski (2002) desenvolve que só se configuram em relação a alteridades. Explorando as buscas de identidade no social apoiado pelo princípio saussuriano de que o sentido se constrói pela diferença, o autor propõe, como modelo de organização social nas dêixis dos contrários do quadrado semiótico⁴, os modos de assimilação

³ Uma apresentação dessa perspectiva pode ser encontrada em Sociossemiótica como teoria geral do sentido. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). Sentido e interação nas práticas. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2016, p. 467-481.

⁴ Como diagrama da sintaxe dos valores em circulação em uma manifestação, o quadrado semiótico, segundo Greimas e Courtés, “inscreve-se na problemática epistemológica concernente às condições de existência e de produção da significação” (DICIONÁRIO DE SEMIÓTICA. Trad. Alceu Dias e Al. São Paulo: Cultrix, 1983, p.368).

versus os de exclusão, em articulação nas dêixis de seus subcontrários, com os modos denominados de admissão *versus* os de segregação. A discussão de quem é o outro e do espaço acional dessa outridade é atual, desde as últimas décadas do século XX, com a intensificação dos fluxos populacionais e, como mostrava o sociossemióticista nos anos oitenta do século passado, vivem-se por todos os lados crises de alteridades, o que complexifica ainda mais os percursos de construção identitária.

Um grande protagonista dessas construções identitárias são as redes midiáticas cuja atuação prescritiva e manipulatória levou ao fortalecimento tanto dos padrões de modos de ser como os das incitações de caminhos traçados para se fazer e estar no social. Por meio de orientações sobre o *bom* ou o *mau* uso da roupa no corpo, ou pela exemplaridade exibida pelas celebridades ou por figuras expoentes da sociedade nos seus contínuos desfiles diante dos nossos corpos, visa-se à adequação do sujeito às coerções sociais previstas e mantidas por corporações ou grupos ou tribos; ou, em outros casos, corpo e roupa são tomados na perspectiva de uma manipulação do sujeito em seus vários procedimentos. Nessas orientações, apreendem-se mecanismos de fazer o outro fazer – estudados também pela semiótica: a sedução (destinador-manipulador apresenta juízos positivos da competência do destinatário), a provocação (destinador-manipulador apresenta juízos negativos da competência do destinatário), a tentação (destinador investe de valor positivo o objeto como recompensa ao destinatário) e a intimidação (destinador investe de valor negativo o objeto, ameaça o destinatário e o obriga a fazer). Isso porque os produtos e mercadorias, nas construções discursivas, tornam-se manifestações de objetos de valor investidos de semantismos que podem agir sobre as buscas do sujeito para o seu constituir-se presente no mundo. Como os valores são partilhados por destinador e destinatário, o destinador é investido de uma ação do doador de competências modais que podem ou não conduzir o usuário – sujeito de volição – ao convencimento de portar esses bens, querer estar ou não seguindo os padrões de seu grupo social ou de estar seguindo os padrões do grupo que deseja pertencer, e, competencializado cognitivamente pelo saber, poder realizar determinadas escolhas, para se vestir e compor a sua aparência para determinados fins aos quais almeja alcançar.

Ainda há o percurso do destinador-julgador das condutas do destinatário, conforme os contratos que estabeleceram, que podem resultar em sanções dos destinadores sociais – positivas ou negativas. Nesses termos, a aparência que o corpo vestido exhibe no social é uma das principais constituintes do processamento de sua construção identitária.

A difusão dos modos de o corpo construir-se pelo vestir tornou-se mais explícita e complexa com o crescimento da publicação e da circulação de várias mídias, conforme pode ser apreendido do ponto de vista da história das mídias. Inclusive, esse é um aspecto que por si só já justifica, em nossa abordagem, a construção da aparência por meio de construções midiáticas, pois elas deram visibilidade a determinados tipos de corpos vestidos ao mesmo tempo que invisibilizaram outros, o que atesta o complexo jogo de visibilidade e invisibilidade que é armado para o corpo vestido desempenhar no social.

Com o desenvolvimento da imprensa, as caracterizações verbais dos modos de vestir estampadas em publicações diárias, semanais ou mensais (em várias seções de revistas e

jornais, como também nos folhetins), nas diferentes épocas, acompanhadas ou não de croquis, foram cada vez mais transformadas pelas mediações tecnológicas. Nos diversos formatos da mídia impressa e eletrônica, as linguagens verbo-visual-espacial dão-se a ver em sincretismo, tornando até mais atraentes as exposições de roupas, de modos de vestir e mesmo dos corpos vestidos. Com os avanços da litografia outrora, os livros e os jornais passam a veicular os traços figurativos do ser humano por meio de desenhos que não apenas mostravam os corpos pela figuratividade e as formas de sua disposição na topologia planar das páginas, mas também davam visibilidade aos costumes e modos de vida da época que constituíam e caracterizavam. Os croquis de figuras humanas podiam ainda ser complementados por técnicas de aquarelas que passaram a mostrar as combinações cromáticas indicativas de usos para as diferentes situações sociais, com destaque para as modas e seus lançamentos para os modos de se apresentar socialmente e portar-se em várias ambiências e ocasiões⁵.

Essa visualidade midiática ganhou grande impulso com a impressão da fotografia, que se tornou a mídia mais empregada nos registros dos costumes sociais e se multiplicou em manifestações visuais de alcance planetário com a expansão das câmeras fotográficas acessíveis ao grande público, e que, com os celulares, nas últimas décadas do século XX, transformou-se na mídia captadora de registros de inúmeras reproduzibilidades.

Graças aos procedimentos de edição digital, os registros fotográficos difundem usos e costumes até mais estilizados que, pela sua alta disseminação nas redes sociais digitais e por uma gama incontrolável de destinadores cujas identidades difusas só se multiplicam, os corpos vestidos propagados beiram a uma padronização não apenas em termos de roupas e acessórios, como calçados e adornos, modos de maquiagem e penteados, mas também no replicar de posturas e gestos que se uniformizam. Aliada a vários aplicativos e às mídias sociais digitais, a fotografia propaga tanto os lançamentos da moda como os modos de o sujeito estar e de se comportar no ambiente social.

Ao lado dessa trajetória expansiva da fotografia, na mídia sonora do rádio descreviam-se os corpos das figuras femininas e masculinas assim como detalhavam-se os usos vestimentares, os comportamentos, os traços do caráter, as atitudes e as posturas nas distintas narrativas que eram propagadas pelas linguagens radiofônicas. Ainda com as explorações sonoras, com o emprego de sofisticada sonoplastia, tornava-se possível o reconhecimento dos materiais, por exemplo, o roçar do tafetá no próprio corpo que o vestia, ou a sonoridade que os materiais distintos criavam nas aproximações e nos contatos táteis entre os corpos que produziam ruídos como manifestação. A mídia sonora ganhava o seu papel no dar a ouvir as distintas matérias do vestir que funcionavam em aliança com as descrições do verbal oral, contextualizando as situações em que as ações se passavam – o que, sem dúvida, contribuía para a formação das imagens dos actantes e das cenas que ganhavam vida enunciativa apenas por meio dos sons, quer, por exemplo, pelo próprio radiojornal ou ainda pelas radionovelas e pelas propagandas, com ou sem seus *jingles* característicos.

⁵ Lembro, a esse respeito, que a tese de doutoramento de A. J. Greimas, que ele nunca quis publicar em vida, foi sobre um corpus de revistas ilustradas a partir das quais tratou os usos vestimentares mostrados nas páginas tanto verbal como visualmente na distribuição da topologia. Cf. GREIMAS, A. J. *La mode en 1830. Langage et société: écrits de jeunesse*. Paris: P.U.F., 2000.

Na sequência, as mídias audiovisuais, do cinema mudo ao falado, à televisão, os vídeos e videocliques diversificaram a difusão e a circulação das dinâmicas de construções discursivas de mundos dominadas pela fabulação do corpo vestido. As grandes e as pequenas telas traziam os corpos para serem olhados de frente pelo destinatário e, em uma montagem de um corpo a corpo, face a face, olhos nos olhos, é como se toda essa instalação de interação mediada se passasse diante dele para ele acompanhá-la e mesmo tornar-se uma testemunha do encenado. Por esse atuar participativo, o cinetismo cresceu o mostrar as dinâmicas dos corpos no social, marcar as posturas, as poses, as atitudes, os ritmos pelos modos de os sujeitos movimentarem-se em cena. Passou-se então a difundir, para além das presenças das figuras nos ambientes, o balanço corpóreo dessas dinâmicas cuja rítmica passou também a produzir modas para serem seguidas nas passarelas do dia a dia da vida corrente.

Por tudo o que carrega, a circulação dos corpos vestidos torna-os presenças, por meio das linguagens verbo-visual-espacial-cinética que montam a complexidade sincrética da configuração do corpo vestido, que, por sua vez, marca a história inteira da humanidade, tendo sido amplificados seus modos e alcance com os avanços tecnológicos das mídias.

Do reconhecimento nos agrupamentos sociais ao das presenças em comunidades várias, a visibilidade dos corpos vestidos foi sendo diversificada ainda mais com a multiplicação de espaços públicos para muito além das cenas do privado, que os levou a ganhar visibilidade nos desfiles em parques, nas calçadas das ruas até invadirem os espaços privados-públicos de lugares de consumo, de lojas em galerias, em shoppings centers, nos quais os corpos vestidos fazem-se ver com maior ou menor visibilidade ou não são vistos graças à sua invisibilidade.

A presença de figuras humanas vestidas nos diversos domínios da existência é inerente à própria história da humanidade. Ela foi demarcada temporal e espacialmente desde os achados arqueológicos que ainda hoje são encontrados até os mais simples traçados das pinturas rupestres, ganhando destaque nas artes e, depois, em grandes e importantes performances e exposições que tratam das relações do corpo com a roupa e do corpo vestido nas topologias em que cineticamente atuam. E ela também se encontra em obras que se dedicam aos ensinamentos de várias técnicas de desenho que visam à (re-)construção do corpo vestido que, por sua vez, ganha nas topologias, com as materialidades do papel ou da tela, a rítmica da distribuição de formas e cores na ponta de um lápis ou nos toques do *mouse* do computador, isto é, em seu processo de produção ou de construção por sincretismos de linguagens.

Se se naturalizam atualmente as relações entre corpo e roupa, sobretudo pela dimensão cultural delas que se construiu ao longo dos tempos, é mister reconhecer que foi a publicação nos meios impressos da mídia fotográfica e a denominada *fotografia* do audiovisual – com os processos de edição característicos – que tornaram os corpos vestidos em suas respectivas telas cada vez mais performáticos, persuasivos e potentes expositores de prescrições da aparência nas circulações diversas dos seres no social, assim como expositores de um sentir os sentidos das aparências pelas impressões sensíveis que se fazem apreensíveis esteticamente. Esse conjunto de modos são sempre submetidos à regência de um destinador midiático centralizador e hegemônico.

Na atualidade, destaca-se um outro atributo igualmente marcante na produção de efeitos de sentido dos corpos vestidos na sua indiscriminada difusão pelas redes sociais digitais que é processada pela importante mutação do destinador hegemônico em um destinador múltiplo, disseminado e quase sem possibilidade de exercer formas de controle de

sua produção de enunciados. No lugar do monopólio de empresas midiáticas específicas que mantinham o controle e um efeito de coesão de um único destinador, passa-se a uma atuação múltipla de destinadores que formam em seu entorno como destinatários ondas de sujeitos mais ou menos engajados a determinado perfil, seguidores dele ou não que, a partir de *likes*, de contagem de acessos, têm a sua força decisória de manter certa visibilidade para o publicado, mostrando a repercussão do engajamento. Objetos de desejo da era da comunicação, os *likes* e as replicações acabaram sendo um desencadeador de emoções disfóricas para quem não os obtinha em quantidades desejáveis, tanto que se chegou ao ponto de sua contabilização pública ter sido invisibilizada e mesmo interdita, por um período, em algumas redes sociais digitais.

As mudanças das práticas sociais desencadeadas pelo acesso e pelo vasto uso das tecnologias digitais, como o próprio entendimento da diversidade do corpo e a proliferação de discursos de empoderamento de vários tipos por meio da relação corpo-roupa, bem como a formação de grupos de perfis nas redes sociais digitais ou a partir deles, têm produzido significativos impactos na cultura do corpo vestido no social. Isso se dá pela dispersão das vozes de comando antes unificadas e pela difusão das modas por uma pluralidade de influenciadores digitais que atuam de modo a promover uma segmentação muito grande de público-alvo, com valores que não são mais apenas os das corporações, os das marcas, pois são ressignificados por um determinado tipo de sociedade de consumo – que passa a ser menos homogeneizada em seus hábitos e gostos pelo gesto de um destinador único, mas ao mesmo tempo padronizada em função dos mesmos hábitos e gostos que são criados e replicados nos limites das esferas de atuação dos sujeitos, com relação às roupas e acessórios e às posturas e gestos que se uniformizam. Dado o exposto, pode-se considerar, portanto, que estamos face a um outro ciclo em que os modos de concentração dos destinadores atuam ao lado e/ou em função dos modos de sua disseminação, espalhamento, propagação, contágio que têm no compartilhamento a grande força.

Corpo vestido e a construção da aparência: uma semiótica do fazer ser e dos modos de presença no social

Assumimos em nossa perspectiva teórica a grande ênfase dada ao papel da roupa na constituição do sujeito e de seus papéis subjetais ou objetais que produzem os seus modos de estar no social, conjunto de pareceres que o configuram. Todavia, essa perspectiva está inerentemente imbicada à do corpo que recebeu valorização similar à da roupa como qualificador do sujeito a partir de suas corporeidades. Nosso ângulo de abordagem é, então, o corpo vestido no social. Nenhuma espécie como a humana interfere tanto na produção e na modificação ininterrupta da aparência, e essa gama de intervenções só atesta o quanto essa recorrência é constitutiva da humanidade. Instaladas e produzidas pelo corpo e pelo que o veste, as linguagens são inerentes à construção de sentido dos seres no mundo. Esse sentido constitui o sujeito e o direciona em seu existir, e é sobre ele que buscamos dar conta a partir de uma semiótica dos modos de presença no social.

Tanto as modificações da roupa como as técnicas de modificação do corpo tiveram sucessivas transformações de muitos impactos no decorrer dos anos que edificam o percurso do corpo vestido no social, sempre regidos por determinadas regras de comportamento. É essa continuidade qualificadora em estado contínuo e crescente, a ponto de o corpo vestido tender a uma naturalização dessa sua visibilidade, que nos conduziu a investigar os papéis narrativos e discursivos estruturantes que corpo e roupa entretecem na construção da aparência. Sem partir para uma análise de *corpus* de corpos vestidos para estudo da aparência, nosso propósito maior é o de mostrar a teoria semiótica em ação nessas reflexões que enfatizam o sincretismo entre as plásticas⁶ constituintes do corpo vestido e a sua participação nos vários tipos de interação.

Concebe-se aparência como o parecer do sujeito que, por reiterações de seus modos de se dar visibilidade, constrói o ser. O parecer está em relação de contrariedade com o ser e, enquanto o primeiro termo é cambiante, a repetição de traços que montam um contínuo delineia os sentidos do segundo termo. Greimas e Courtés (1983) mostram que o termo complexo *parecer* e *ser* é utilizado para denominar a categoria modal da veridicção (...), no eixo dos contrários do quadrado semiótico e o *verdadeiro* resulta das operações de veridicção instaladas no discurso. Como mostrou Landowski (1992) o discurso cria o seu referente interno à manifestação o que exclui a relação com o referente externo e a questão é a dos *efeitos de sentido do real*, portanto, uma categoria da verossimilhança.

A sistematização da premissa desses autores nos conduz a uma metodologia de estudo exaustivamente delineada pela teoria semiótica que envolve observar, descrever e analisar os efeitos de sentido, entre eles o de veridicção, estudando os simulacros montados para *fazer parecer verdadeiro versus falso* e *fazer parecer segredo versus mentira*. Por essa abrangência do que denominamos de estudos dos *simulacros*⁷ e de *simulacros de simulacros*, conceito fundamental empregado na teoria, é possível dar conta dos modelos de mundos figurativizados na organização discursiva, modelos esses que trazem o referente e o contexto⁸ como construções vivas que o analista reopera no próprio enunciado. Essa abordagem dos efeitos de sentido que a teoria os tratava na classe de discursos persuasivos que convenem pela racionalidade, a partir da componente estética e dos efeitos da apreensão sensível introduzidos por Landowski (1996, 2004, 2005), igualmente esses podem ser abordados como discursos contagiantes que fazem sentir pelos sentidos o sentido que os afetam impressivamente. Eis uma linha de pesquisa com muito ainda para ser realizado, mesmo que tenhamos trilhado passos importantes, inclusive entrecruzando esses dois procedimentos

⁶ Sobre as plásticas do corpo e da moda em articulação, consultar a dissertação de mestrado de Kathia Castilho, por mim orientada na PUC-SP: PEPGCOS: Configurações de uma plástica: do corpo à moda. 1998. 166 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/5168>.

⁷ E. Landowski, verbete “simulacro”. In: GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph. *Semiótica. Dicionário Razonado de la Teoría del Lenguaje*. Tomo II. Trad. espanhol: Enrique Vallón Aguirre. Madri: Editorial Gredos, p. 232-233.

⁸ A respeito do “estatuto do referente”, consultar E. Landowski, *Do referente, perdido e reencontrado*. In: *Cruzeiro Semiótico*, n. 17, Porto, 1995, p. 9-16.

com trânsito aberto entre inteligível e sensível que os colocam atuando imbricados nos processos de apreensão e construção do sentido.

Trabalhamos, pois, sobre o parecer que, examinado em sua sintagmática, resulta na conformação de modos de presença do sujeito como organizados teórica e metodologicamente por Landowski (2002) em *presenças do outro*. As presenças se constroem como modos de os sujeitos se colocarem no social em relação a outridades, que o fazem ser pelos papéis narrativos que exercem na sua construção identitária. Em muito, essas presenças se configuram a partir dos traços da aparência que, reiterados por sua repetição, formam as isotopias, ou seja, topias que dão a caracterização diferenciada uma das outras pelas particularidades distintivas de variantes. Assim, a repetição de uma variação distintiva traceja o percurso isotópico que define a aparência identificadora do sujeito em dado contexto espaço-temporal.

No nosso caso, a busca dos modos de presença parte da observação, da descrição e da análise de como o corpo vestido do sujeito atua nas interações sociais no ato de desempenhar seus papéis narrativos com um comportamento, um gesto, uma atitude, uma postura, certa constante de proxêmica, cientismo, etc. reiterativos de um dado modo de estar e de fazer as suas ações. O que há de comum nas distintas maneiras de fazer permite-nos tomá-las com um traço invariável do modo de atuação do sujeito em suas interações sociais. Essa constância erige as bases definidoras de sua dinâmica identitária em relação às das alteridades. Ainda, o conjunto de traços reiterados desse modo de presença pode configurar, pelas constantes dos modos de atuação, hábitos, reiterações que definem um estilo de vida, expresso em arranjos sintagmáticos que encadeiam as escolhas paradigmáticas. Assim, processa-se o uso articulado dos sistemas de linguagem na composição do si.

Esse entendimento define o nosso aparato de conceitos para pensar o corpo vestido no social elegendo a teoria semiótica de A. J. Greimas (1917-1992) como fundamentação e método em aliança com os desdobramentos e continuidades de E. Landowski que, em sua complementação conceitual, parte da gramática narrativa edificada por Greimas do fim dos anos 1960 ao início dos 1990, precisando as distintas sintaxes e os seus princípios regentes em um modelo de articulação de sintaxes. Desse modo, Landowski (2005) definiu a compreensão da teoria da significação como uma teoria dos regimes de sentido, interação e risco constitutivos da apreensão e da construção do sentido.

A semiótica se tornou um sofisticado arcabouço conceitual para os estudos das manifestações sociais justamente por propor um método refinado no seu articular de conceitos a partir das dimensões dos componentes sintáticos e semânticos, nos níveis profundo e intermediário das estruturas semionarrativas e no nível de superfície das estruturas discursivas. Do mais superficial ao profundo, do mais simples ao complexo, os patamares de análise são os níveis discursivo, narrativo e profundo ou fundamental, concebidos como o percurso gerativo de sentido que se volta para a análise do plano do conteúdo, sendo a análise do plano da expressão feita a partir da relação entre figuratividade e plasticidade, como veremos ao longo dessa exposição teórico-metodológica.

FIGURA 1 – ESQUEMATIZAÇÃO DO PERCURSO GERATIVO DO SENTIDO (PGS)

ESTRUTURAS	COMPONENTE SINTÁXICO	COMPONENTE SEMÂNTICO
<p>Discursivas <i>Nível de superfície</i></p>	<p>SINTAXE DISCURSIVA • Discursivização:</p> <p>Aparato da enunciação: Actorialização, Temporalidade, Espacialização</p> <p>• Aspectualização</p>	<p>SEMÂNTICA DISCURSIVA Tematização e Figuratividade</p>
<p>Narrativas <i>Nível Intermediário</i></p> <p>Profundas <i>Nível Profundo</i></p>	<p>SINTAXE NARRATIVA</p> <p>SINTAXE FUNDAMENTAL</p>	<p>SEMÂNTICA NARRATIVA</p> <p>SEMÂNTICA FUNDAMENTAL</p>

FONTE: GREIMAS; COURTÉS. *Dicionário de semiótica, op.cit.*, 1983, p. 364-368, com adaptação da autora para marcar o percurso do mais superficial ao mais profundo, do mais concreto ao mais abstrato, que é a orientação de como procedemos em nossas análises.

Questão de método da construção do sentido, o percurso gerativo é pensado por níveis de especificidade que Greimas foi elaborando com o seu grupo de colaboradores, em distintas etapas da edificação de sua teoria. O nível do discurso é definido como o das várias conversões das estruturas semionarrativas gerais e abstratas que se concretizam pelo ato de o sujeito complexo da enunciação assumir escolhas que são manifestadas em uma sintagmática discursiva. As escolhas do enunciador dão-se no universo dos paradigmas dos sistemas que são acionados e visam a um determinado tipo de enunciatário para o qual as escolhas articuladas pelas regras montam a sintagmática do enunciado. É essa montagem que faz com que a enunciação seja o ato de instalação dos sujeitos no discurso, ato esse que outorga a esses sujeitos partícipes da construção de sentido a condição de agir, dadas as interações discursivas por meio das quais entretecem o sentido.

No âmbito da sintaxe do nível discursivo, encontra-se a própria dinâmica das caracterizações da enunciação pelas instalações da actorialização, da temporalidade e da espacialização, enquanto no componente da semântica discursiva apreendem-se os temas e a figuratividade, concretizada pela plasticidade rítmica, cuja correlação formata o nível mais superficial do objeto que tem nessa constituição discursiva a instalação dos valores dos níveis semionarrativos. O nível fundamental é o mais profundo e carrega a axiologia da construção de sentido, da qual se depreendem os valores em circulação entre os sujeitos e no objeto. Assim, com um aparato cênico nele instalado, o discurso faz ser a textualização da manifestação.

Mas quais são os outros procedimentos que a semiótica disponibiliza para explicitar, da descrição e da análise da relação comunicativa pelos tipos de interação entre enunciador e enunciatário, as demais conversões que a superfície discursiva opera da produção de sentidos dos níveis mais abstratos, o narrativo e o fundamental? O que a enunciação, nas correlações de seus três procedimentos – actorial, temporal e espacial –, nos faz acompanhar são

as posições do sujeito complexo da enunciação de quem enuncia o tema no plano do conteúdo, o enunciador, ao enunciatário. A concretização processa-se por escolhas de procedimentos de figurativização dos mundos traduzidos nos arranjos da manifestação no plano da expressão, por escolhas de qualidades sensíveis que são arranjadas na plasticidade rítmica e vão exigir tanto apreensão estésica como construção inteligível do parceiro enunciatário.

Desse modo, pode-se considerar que cada arranjo expressão/conteúdo sedimenta-se em uma situação comunicativa que instaura as determinações dos modos de apreensão e de reconhecimento da significação. Descortinando os mecanismos dos efeitos de sentido e seu agir e os impactos na interação entre sujeitos envolvidos, o objetivo da semiótica é descrever como esses efeitos atingem e afetam o destinatário, inclusive, o próprio analista, que é um sujeito implicado ou comprometido⁹ no processo de instalação do sentido no enunciado.

Como um qualificador de quem a porta, a roupa no corpo tem papéis actanciais no enunciado, mas igualmente tem papéis actoriais na enunciação, e é esse duplo agir actorial e actancial que define enunciado e enunciação como par pressuposto da manifestação do sentido. O enunciado é o que a roupa no corpo, tanto um enunciado de estado como um enunciado de transformação, produz naquele que a porta, e o imbricamento dessas expressões, isto é, o corpo vestido do sujeito, porta traços identitários do sujeito na construção de sua aparência. A enunciação, por sua vez, é o como a roupa no corpo faz ser a visualidade gestual, postural, cinética e rítmica daquele que, de uma dada maneira, aporta e se porta com dadas atitudes e comportamentos nas distintas situações sociais e experiências vividas. Por meio de uma série de recursos dos sistemas que arranjam a expressão na sua manifestação do conteúdo, monta-se o que é mostrado do corpo vestido. Uma construção de quem a configura para ser visto, a roupa veste o corpo e juntos estampam um certo modo de o sujeito ser no social.

Assim, uma peça do universo de criação e produção de um estilista, uma marca ou qualquer outro destinador torna-se discurso que, como definiu Greimas, é um espetáculo de transformações, portanto, espetáculo enunciado dos elementos que estão mais abstratamente nas estruturas semionarrativas.

Seguindo as transformações actoriais, apreendem-se os passos sucessivos do enunciador e do enunciatário, o par pressuposto destinador e destinatário, que se instala no enunciado por marcas significantes deixadas por atores de linguagens e não por figuras humanas de carne e osso. No enunciado é que esses atores são passíveis de reoperação a partir do modo como as escolhas enunciativas são concretizadas e como elas compõem a narrativa, o que se dá graças aos modos de ser das delegações de vozes entre as instâncias enunciativas: enunciador/ enunciatário, narrador/narratário e interlocutor/interlocutário, a depender da situação comunicativa.

Enquanto destinador e destinatário são figuras do mundo em que vivemos, enunciador e enunciatário são instâncias pressupostas sobre as quais a manifestação discursiva

⁹ Aproprio-me aqui da formulação de Landowski que defende que o sujeito da enunciação tem um “olhar comprometido” ou “olhar implicado” na construção do objeto semiótico na medida em que é o ponto de vista assumido que o constrói. Cf. LANDOWSKI, Eric. O olhar comprometido. In: Galáxia. n. 2. Trad. Ana Claudia de Oliveira e Marcia Vinci. São Paulo: EDUC, 2001, p. 19-59. Disponível em: <https://bit.ly/39etVPK>. Acesso em: 20 jan. 2021.

assenta-se. Em uma dinamicidade de entradas e saídas desses atores na cena enunciativa e do que em interação eles constroem nas suas interações discursivas, o discurso é plasmado pela série de escolhas que o configura. Em paralelo às opções para enunciar, há a aspectualização, procedimento pelo qual um observador caracteriza o acompanhamento do sujeito complexo da enunciação no desenrolar da ação enunciada, e esse processar pode ser dado por um modo incoativo, a partir do início da ação; por um modo durativo, no curso do seu desenrolar ou por um modo terminativo, do fim da ação.

Após ter reconhecido no artigo *Semiótica figurativa e semiótica plástica* (GREIMAS, 1984) novas bases para pensar o patamar discursivo e as relações imbricadas entre plasticidade e figuratividade, A. J. Greimas propõe, em *Da imperfeição* (1987), seu último livro como autor único, dois modos de produção de sentido. O sentido *arreatador* é originário das *fraturas* que produzem descontinuidades no contínuo e, a partir de um excedente de sentido emanado de encontros estéticos, o sujeito é sensibilizado a sentir mais. Em contrapartida, o sentido ressignificado ou reanimado advém de rearranjos mínimos, nomeados pelo semiótico de *escapatórias*. O sujeito, tão somente por rearranjos nos modos de dispor os elementos em uma configuração, opera uma ressignificação que agrega sentido ao que tendia a exaurir-se na insignificância. Assim, concebe um modo distintivo de promover na interação dele consigo mesmo, mas também com outros sujeitos, coisas, objetos, mundo, um minimal de sentido que, por seu turno, retroalimenta com as suas granulações o contínuo desgastado que pode assim reassumir a sua força significante e promover ressignificações.

Essa antevisão de Greimas muito inspirou Landowski em seus *Passions sans non. Essais de sociosemiótica III*¹⁰, nos quais passou a desenvolver as direções dadas pelo seu mestre em *Da imperfeição*. As *fraturas*, como tipos de rupturas da cotidianidade que produzem um excedente de sentido, e as *escapatórias*, como tipos de rearranjos da cotidianidade que a mantém significante, foram fundantes para os desdobramentos que Landowski aportou ao dito *acidente disruptor do contínuo* e que o levaram a elaborar um novo lado da gramática narrativa. Em relação à constelação da *prudência*, estabelece a constelação da *aventura*, que passam as duas a reger juntas os regimes de sentido, interação e risco. Esses regimes são intuídos por Landowski a partir de sua aposta nas relações lógicas imperantes no diagrama do quadrado semiótico adotado por Greimas como um cálculo de pressuposições lógicas com as suas relações de oposição, implicação e de contraditoriedade. Todavia, Landowski prevê entre os diferentes regimes passagens que funcionam não mais na dinâmica posicional de um quadrado, mas na de uma diagramação elíptica, com possibilidades de múltiplas articulações entre uma posição e outra. Na oposição contínuo *versus* descontínuo: o regime da *programação*, o da rotina e da insignificância *versus* o regime do *alea*, o do acidente e do excedente de sentido e, nos eixos subcontrários: o regime de *manipulação* ou *estratégia*, o do cálculo em que um destinador atua sobre a volição de um outro sujeito que pode ou não ser convencido e aderir ou não à sua proposta *versus* o regime do *ajustamento*, os encontros perscrutantes oriundos de *escapatórias* que fazem o sujeito, em sua abertura ao outro, sentir junto, na imediatez de seus contatos, um sentido que, com liberdade e disponibilidade de criação, brota do modo de estar junto e compartilhando. A partir de rearranjos mínimos de

¹⁰ LANDOWSKI, Eric. *Passions sans nom. Essais de socio-sémiotiques III*. Paris: P.U.F., 2004.

determinados elementos da composição qualquer que essa seja, o sujeito descobre no ato mesmo vivido possibilidades que empreende para ressignificar a sua existência.

As consequências desses desdobramentos para a teoria semiótica são da maior importância na edificação de um modelo de maior abrangência para dar conta dos mecanismos de apreensão e construção do sentido dos objetos de estudo que foram em muito alargados e têm sido amplamente testados na análise da complexidade do social. Em uma sistematização desses objetos de estudo, Landowski (2004) os associa como fases do próprio desenvolvimento da teoria semiótica, que ampliou a noção fundante de *texto* como totalidade de sentido para melhor abarcar a delimitação e visada de construção dos objetos que se ocupa, mas aqui exemplificados com objetos de estudo em torno do *corpo vestido*:

- **Semiótica dos discursos enunciados:** grandeza realizada em um vestido, em uma página de uma edição de revista de moda, um croqui do estilista, uma fotografia da modelo, o figurino de um filme ou a coleção de um criador em um desfile de sua apresentação, etc. Esse estudo destaca a arquitetura conceitual do discurso, ou seja, seu *conteúdo ideológico*;
- **Semiótica das situações:** objetos em devir, em processamento, que entrelaçam em sua estruturação o contexto e sua apreensão se dá no ato de ocorrência, em situação. Assim pode ser considerada a caminhada de um grupo de jovens nos corredores de um shopping, da qual se apreendem relações entre espaço/tempo e corpo vestido, mas também um desfile de lançamento de nova coleção nas rampas do prédio da Bienal de São Paulo, etc.;
- **Semiótica da experiência sensível:** no quadro da abordagem situacional, acresce-se a dimensão estésica da apreensão, com os sentidos em ação de captura que sentem o sentido no transcurso do viver a experiência. Um encontro com amigos em um *happy hour* em bar da rua Pinheiros de São Paulo pode ser tomada a partir dessa perspectiva e, dela, desenvolver estudos relacionados aos corpos vestidos em plena realização de práticas de consumo.

Ao dar conta desses tipos de enunciados, a teoria semiótica mostra ter desenvolvido seus procedimentos de análise dos enunciados acabados e fechados em si mesmos, para criar, a partir deles, no fim do século XX, mecanismos ou procedimentos para a análise de enunciados em processamento, na dinâmica de sua ocorrência em que são operados cortes a fim de construir no que se desenrola, no em ato, uma parte analisável como um todo de sentido. O semioticista e a sua própria corporeidade encontram-se interagindo como partícipes da totalidade de sentido que vivenciam juntos, e a análise, por fim, brota da experiência vivida com a implicação do semioticista na construção do objeto.

Nesses três tipos de totalidades, os objetos passam pelo exame do método estrutural do percurso gerativo do sentido. Além disso, crescem-se à sua modelagem de níveis vazios de conteúdos e centrados em instrumentos gerais, novas conceituações. E isso só é possível porque a teoria prevê que é o objeto que ilumina a estruturação de conceitos que o analista

põe à prova no seu fazer teórico-metodológico, assim como é o objeto que indica em quais desenvolvimentos a teoria deve ainda promover avanços para poder alcançar abordagens mais completas e exaustivas do objeto estudado.

Por fim, toda essa trajetória nos autoriza a apresentar a semiótica como uma teoria em contínua construção e aperfeiçoamento de seus conceitos e procedimentos analíticos em função das mutações que caracterizam os objetos e que exigem um ininterrupto e constante rigor na produção conceitual.

Nas artimanhas da enunciação, o enunciado

Um qualificador de quem o porta, o vestido no corpo não exerce apenas papéis actanciais no enunciado, mas igualmente papéis atorais na enunciação, do mesmo modo como o próprio corpo exerce uma ação no seu colocar-se em cena atorial – na relação corpo e o hiperônimo *roupa*, aqui discretizada em *vestido* e discutida na sequência.

Assim, ao examinar a interação entre esses dois sujeitos no construto semiótico, ela é analisada pelas duas operações pressupostas que integram o enunciado e a enunciação. Enunciado é o que se mostra, o que acontece em uma sequência encadeada de estados e ações que transformam os estados que o vestido no corpo e o corpo vestido produzem. O que se enuncia como resultante é um dos modos de fazer ser o sujeito (enunciado de estado) e o que ele faz sendo quem é (enunciado de transformação). Enunciação é como o vestido no corpo interage com ele, fazendo ser aquele que o porta a partir da construção de uma visibilidade gestual, postural, cinética e rítmica. Em outros termos ainda, o corpo vestido conta uma história (enunciado) e o modo como essa história é narrada/mostrada é realizado pela enunciação que nesse corpo vestido constrói e por meio da qual se constrói.

Pela discursivização dos traços plásticos enunciados, inscreve-se a orientação interacional dos parceiros da enunciação: enunciador e enunciatário. O enunciatário apreende as indicações que lhe são deixadas no enunciado e, por essas interações se darem no interior do discurso, denomino-as de *interações discursivas*. O enunciatário pode sentir as marcas esteticamente ou relacioná-las inteligivelmente ou ainda combinar esses dois modos de construção sensível e inteligível com trânsito aberto entre eles para, ao fim e ao cabo de um atuar como partícipe da estruturação interpretativa, realizar a sua tarefa de construir o sentido. Esse é um fazer que lhe dá sentido na medida em que ele atua para construí-lo e construir-se em uma retroalimentação significativa do sujeito no mundo que carrega sentido no próprio interatuar vivificante da roda viva dos sentidos.

Em se tratando de um corpo vestido, muitas dimensões entram em cena na sua semiótica, isto é, ele pode ser abordado tanto como um enunciado acabado quanto ser tomado em dada situação processual, ou ainda no corpo vestido participando do que o faz ser como actante e como ator em uma dada experiência que faz sentido ao ser vivida. Ao analista cabe semiotizar o corpo vestido que se torna seu objeto de estudo e se servir do referencial teórico e metodológico que mais é pertinente ao próprio recorte e à composição do *corpus* efetuados.

Recursos significantes de vários sistemas articuladamente em sincretismo de linguagens participam da constituição da forma única da expressão do conteúdo, cuja significação Greimas postula ter a sua encenação no nível discursivo, o da concretização das escolhas do enunciador cuja figuratividade materializa-se pelo arranjo da plasticidade rítmica. A partir do ato de seleção nos paradigmas do sistema, o enunciador passa a pôr as suas escolhas em processamento no discurso, então em uma sintagmática que se encadeia a partir das regras gramaticais da roupa em relação ao corpo, à moda, ao grupo socioeconômico e cultural de pertencimento do sujeito, para si mesmo – ao se sentir bem e se aprazer assim vestindo o corpo –, entre outras possibilidades de manifestação.

As interações entre enunciador e enunciatário variam conforme a enunciação faz ser o enunciado. O enunciador pode empreender escolhas discursivas por meio das quais dá mais abertura e desenvolve o fazer interpretativo do enunciatário, tornando-o mais investigativo e participante da construção do sentido, assim como o enunciador pode optar por comandar inteiramente o fazer interpretativo, não deixando brechas para o enunciatário desenvolver-se pelo descobrir como processar os sentidos experienciados.

Esse sentir vivido que carrega descobertas sobre si mesmo e possibilita ao sujeito criar-se e se recriar advém do fato de o sentido fazer-se no processamento significativo do qual o sujeito partilha. Ainda, com um cálculo estratégico, o enunciador faz o enunciatário querer fazer trajetos a partir dos quais chega a arranjos da construção da aparência por outra via. Por outro lado, o enunciador-operador pode levar pela mão o enunciatário para que siga suas pistas, seus comandos, que ele deixa no enunciado como fórmulas para o enunciatário acompanhar e empreender a dada construção do sentido.

Entre os sujeitos da enunciação, as *interações discursivas* são, pois, um campo profícuo de tipos de potencialização cognitiva e performática por meio das quais o enunciatário constrói o sentido, assim como são um campo de desenvolvimentos estésicos para as performances de apreensão sensível das construções significantes. Em função desses distintos tipos, no primeiro caso (no cálculo estratégico), o ativado é o reconhecimento do simbólico e do semissimbólico armazenados nos aprendizados da vida social em que se aprende a significação arbitrária pelas convenções. No segundo caso (com os enunciadores em co-presença), diferentemente, sem nada estabelecido previamente, o sentir com os sentidos o outro da interação, qualquer que esse outro seja, desenrola-se no contato direto por um sentir a partir do que se passa entre os sujeitos interagentes que caminham juntos roçando o sentido que faz sentido.

Enquanto na sintaxe discursiva as escolhas do enunciador são para definir os modos de enunciar, na semântica discursiva as escolhas para compor o plano do conteúdo recaem sobre o(s) tema(s) e a figuratividade(s), como dissemos. A concretização de temas é um mecanismo de discursivização dos valores dos níveis fundamental e narrativo, e isso se dá por meio das operações de tradução em linguagens do mundo. O conceito de figuratividade foi o último patamar que Greimas concretizou no edifício teórico do percurso gerativo de sentido. Como operação intersemiótica, a figuratividade é da maior importância à economia da teoria, pois ela permite depreender o universo de saberes que o enunciador seleciona para

articular os elementos de vários sistemas com sincretizações por relações de neutralização das regras de cada sistema para que, no processo, esses atuem articuladamente compondo os arranjos da expressão sincretizados. Nessas interações, o enunciador faz o enunciatário sentir as qualidades do arranjo plástico e rítmico, que Landowski (2017) postula caracterizar-se por sua *consistência estética* que as fazem ser apreendida pelos sentidos, ou seja, impressivamente, assim como ele faz o enunciatário reconhecer e depreender as articulações que o possibilitam inteligivelmente entretecer a malha relacional do sentido. O sensível e o inteligível, assim como os trânsitos abertos entre esses modos de construção, estão, por sua vez, plasmados no arranjo do plano da expressão¹¹.

Pelo que estamos reoperando, a concepção da teoria semiótica é a de que a instância enunciativa do discurso faz ser o sentido da manifestação, tratando assim a enunciação como uma instância cognitiva, estética e pragmática. Portanto, o enunciador está aquém e além do discurso e deixa em suas passagens no enunciado os seus traços significantes e suas delegações de vozes que vão permitir ao enunciatário reoperar o sentido da construção significativa. Seus modos de enunciar, em termos de seus simulacros, manifestam-se como interações discursivas, compostas de direções, gestos, posições, perspectivas que o enunciador assume ao se mostrar para fazer visível, fazer sentir, fazer saber e fazer fazer o enunciatário. Essas distintas instâncias interacionais do discurso são experiências de um ator senciente, a partir de uma dada tomada de posição espaço-temporal, que configura as estruturas enunciativas não só como cognitivas, mas também como estéticas da experiência vivida no e pelo discurso. Se a concepção de instância cognitiva se encontra teoricamente bastante desenvolvida, a de instância estética é uma postulação que requer ainda maior investigação a fim de sistematizar seus procedimentos gerais como nossos trabalhos tem perquirido.

Sintaxe narrativa e as lógicas regentes

O fazer semiótico recobre uma história de sistematização de modelos e de uma metalinguagem para a descrição das relações de várias ordens de que a semiótica se ocupa, seguindo o postulado saussuriano de que o sentido se faz na relação e a partir de diferenças, como dissemos. Desse modo, passamos a tratar na sintaxe narrativa os actantes do enunciado, aqueles que atuam, performatizam e constroem com as suas ações a trama narrativa com os seus percursos narrativos de diferentes tipos.

Entendido como um processo que se desenrola pelo fazer dos actantes em dada situação, o percurso que eles constroem é definido em termos de *narratividade*. Conceito distinto de narrativa, uma das formas do contar, a narratividade postulada por Greimas é um componente universal de todo e qualquer tipo de objeto semiótico e prevê estados e transformações

¹¹ OLIVEIRA, Ana Claudia de. Visibilidade, entre significação sensível e inteligível. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, n. 2, v. 30, jul./dez. 2005, p. 107-122.

de estado. A narratividade é tratada no nível narrativo, um dos níveis de análise que, com o nível fundamental, dá conta da estruturação posicional dos sujeitos e dos objetos.

A gramática narrativa de Greimas está alicerçada na descrição dos percursos narrativos sob a lógica da junção (conjunção *versus* disjunção) e considera a narratividade como um conjunto de enunciados de estado e de transformação, que são encadeados sucessivamente em função das etapas sequenciais agrupadas em blocos de funções narrativas. Os processos de narratividade permitem examinar os tipos de destinador caracterizados por suas ações sobre o destinatário – como atestam facilmente os vários trabalhos desenvolvidos, por exemplo, com o texto literário. A sua ação sobre o outro, o seu *fazer fazer*, na esteira dos estudos de V. I. Propp (1928) mostrara a ocorrência dos mesmos esquemas narrativos em diferentes culturas, que conduziu Greimas a um esquema sintagmático de grande generalidade no qual o sentido da vida, objeto da busca humana, é postulado e se organiza em torno de três provas: a *qualificante*, que competencializa o sujeito para a ação; a *decisiva* ou *realização*, na qual o sujeito empreende a testagem de seus atributos nas suas ações no mundo; e a *glorificante*, que sanciona os atos do sujeito e, ao mesmo tempo, define o seu ser. Nesse grande esquema de previsibilidades, o destinador se utiliza de estratégias com as quais atua sobre o destinatário, inclusive sobre a sua volição em termos do querer ou não querer realizar a ação, assim como atua também na prescrição de um dever ou não dever fazer. Nesses passos, Greimas desenvolve uma teoria das modalidades estruturantes do percurso narrativo canônico que, por seu turno, estrutura-se a partir da realização de uma ação, um fazer prevendo que o sujeito a executará se tiver acesso à organização modal de suas competências cognitivas: saber e poder; competência volitiva: querer; e competência prescritiva: dever; que, por fim, desencadeiam a competência performática: fazer. Entre o sujeito destinador e o sujeito destinatário desenrola-se uma estrutura contratual, a partir da qual examinam-se os percursos narrativos do sujeito performador, do destinador manipulador e do destinador julgador.

Conhecer os tipos de destinadores é da maior importância e no campo de uma semiótica da moda permite tratar tanto dos criadores – e o que as suas coleções ditam – como também examinar os destinadores midiáticos, a partir dos modos como dão a cobertura dos lançamentos, assim como as celebridades que eles vestem ou as *top models* que desfilam nas passarelas; ao mesmo tempo, discutem-se, nesse percurso, os efeitos do *trickle down* como propagador da indústria da moda e que move ininterruptamente a manutenção do consumo. Nas premiações da indústria cinematográfica de Cannes, ou nas do Oscar, ou ainda nas do Festival de Veneza, cada atriz expõe o criador que a veste para essas festas do cinema, que são palcos ampliados de visibilidade e de modelos para a reprodução de práticas sociais. Nesses eventos, descortina-se a consonância entre o destinador estilista que, por seu lado, está associado ao destinador atriz para, juntos, se fazerem ser vistos no corpo vestido das passarelas, reproduzindo, muitas vezes, o novo do mesmo, mas sempre envolto com qualificadores como novidade, lançamento, exclusividade, etc. Em contrapartida, as modas de rua também são engendradas por destinadores diversos que dão visibilidade às roupas (conjuntos,

tecidos, modos de vestir, acessórios, etc.) a ponto de serem trabalhadas por casas de costura, estilistas, revistas e lançadas como moda, como preveem os efeitos do *bubble-up*.

Com as complementações de Landowski à gramática narrativa de Greimas, essa passou a dar conta mais amplamente da análise do processo interativo que se desenrola entre actantes, situados nas interações subjetivas e objetivas, em relação às suas buscas de objetos de valor e às experiências intersubjetivas no ato de encontros entre sujeitos. Essas duas lógicas, a da junção e a da união, fundam o tratamento da construção narrativa como uma sintaxe existencial dos actantes, cujos componentes são semantizados por moventes passionais desses sujeitos – e é justamente por essa semantização que se apreende o grau de adesão, ou não, à mediação de objetos de valor (lógica da junção) entre sujeitos, ou que se processe diretamente entre os dois sujeitos, quer sejam pessoas, objetos, coisas, animais, etc., mas sem a mediação de objetos de valor (lógica da união).

Assim, pode-se dizer que em correspondência à sintaxe, a semântica estuda os semantismos resultantes dos estados do sujeito em disjunção e seu percurso de tentativas para mudança de estado e atingir ou não o estado de conjunção (ou vice-versa, porque trata da junção, discretizada em conjunção e em disjunção); sobre tais estados incidem os jogos articulados de modalidades já bastante sistematizados na teoria semiótica. Na lógica da união, por outro lado, os sujeitos têm as competências desenvolvidas para as performances que realizam em reciprocidade e, no seu encontro, no curso da vivência interacional, desenvolvem ações que são processadas esteticamente pelo corpo todo em um ato de partilha do sensível.

Em uma primeira fase da teoria semiótica, a narratividade foi tomada somente como relato da circulação de valores entre sujeitos, cujos estados se transformavam com a aquisição ou com a perda de objetos de valor. Desse modo, na circulação dos valores produziam-se os percursos de estados de disjunção e de conjunção, como dissemos. Entre os dois parceiros do enunciado, tudo é mediado pela circulação de objetos de valor que funcionam como um *terceiro* na interação entre os sujeitos que não se sentem, não se tocam, nem gozam os valores que passam a possuir; esse tipo de relação tornava a junção do sujeito com os objetos de valor como da ordem da possessão, do ter para o ser, na conjunção, ou da ordem da despossessão (privação de posse), do não ter para o ser, na disjunção. O risco dessa posse pela posse é o consumismo, e tão logo conseguida a obtenção de um objeto de valor um outro se impõe ao sujeito, instaurando a ele e nele uma jornada sem fim de conquistas acumulativas de valores. Na sociedade capitalista o que conta é essa lógica do *ter para ser* que move a contínua aquisição de produtos e de cuidados com o corpo pelos ditames de destinatários econômicos, empresas produtoras de mercadorias sobre as quais, estrategicamente, o discurso publicitário faz os proclames para mover econômica e simbolicamente o patrocínio da circulação dos bens. Entretanto, com a sociosemiótica desenvolvida por Landowski foi postulada ao lado dessa lógica uma outra que, por sua vez, complementa a sintaxe narrativa. Os objetos da busca do sujeito não vão ter mais apenas valor de troca em si mesmos, mas

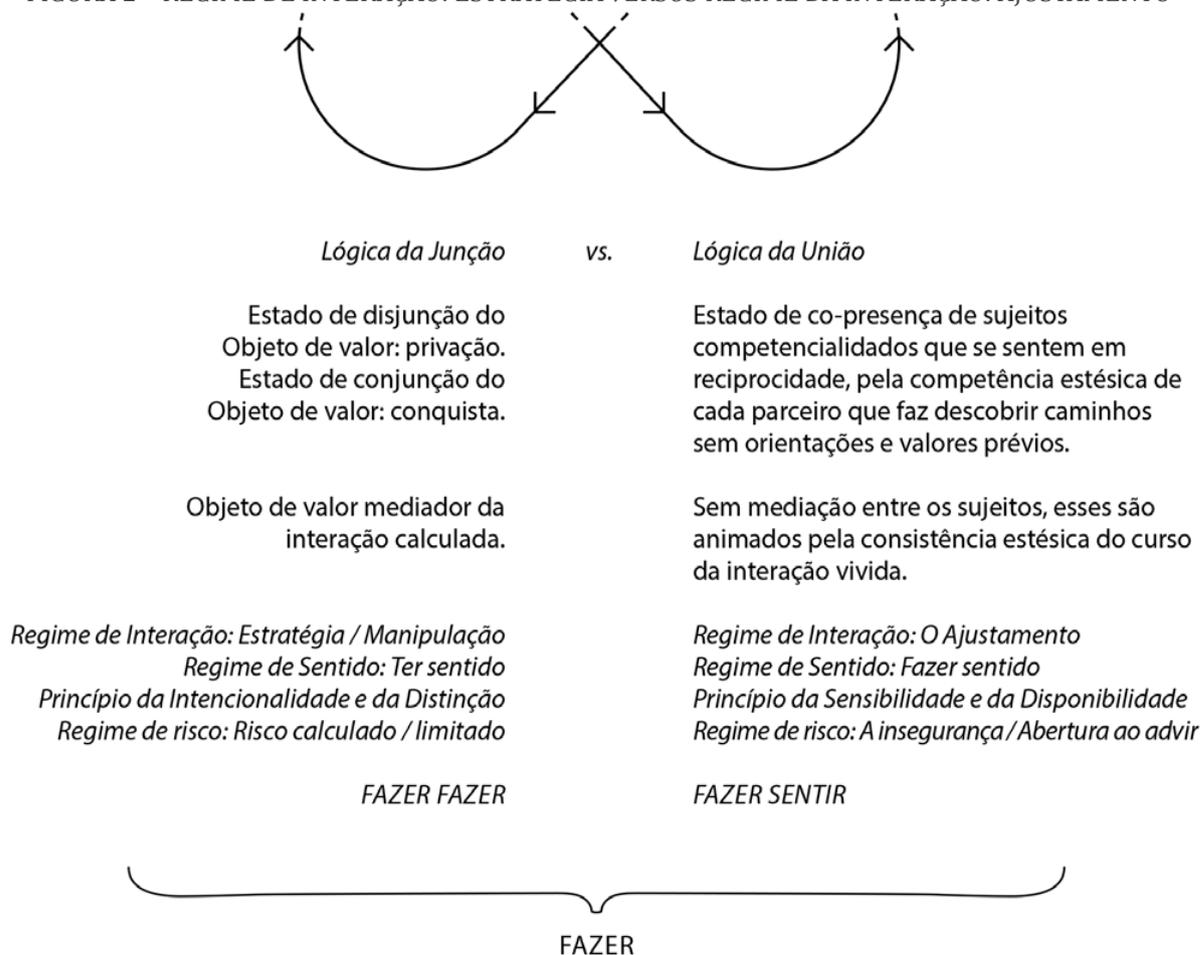
também eles vão ser desfrutados e usufruídos nas interações intersubjetivas e interobjetais que, como um sujeito, o objeto trava com o usuário sujeito.

Da lógica da junção, passou-se à possibilidade opositiva regida pela lógica de união. Não há mais a obtenção de um objeto de valor calculado, pois o que se apreende nessa lógica é a própria constituição do sujeito em contínuo desenvolvimento no ato de encontro entre ele mesmo e outro sujeito, como iguais, que se descobrem nos atos em copresença e com a competência estética desenvolvem os seus encontros e se constroem juntos. Com papéis actanciais que são reversíveis e se mantendo nos papéis de sujeitos que estão em reciprocidade, o encontro faz o sentido ser sentido no seu processamento pelo sentir de ambos os sujeitos. Algo da experiência vivida na interação sensibilizadora insurge e move a interação não predeterminada *a priori* pelo contexto social ou por um destinador externo, mas que brota justamente do contato estésico que é desfrutado interacionalmente e, assim, produz modulações estésicas na existência de ambos. Em questão de risco, essa é uma interação que põe em jogo a sensibilidade de cada sujeito, e o risco é o de justamente deixar-se levar um pelo outro ao desabrochar-se para si, para o outro, para o mundo que, como um universo aberto, possibilita aos sujeitos se lançarem a ele, correndo todos os riscos que surgem do encontro, inclusive o de se perderem.

Em um alerta para poder dar conta dessa complexidade de nossas sociedades pós-industriais, Landowski (2001) aclara que o estudo semiótico deverá evitar deter-se nos termos polares, contrários e concentrar a atenção nos termos subcontrários. Em suas palavras: “Já não totalmente isto, mas ainda não verdadeiramente o oposto” (LANDOWSKI, 2001, p. 37), nos termos complexos, isto é, na soma dos termos opostos, “ao mesmo tempo, isto e seu oposto”, ou ainda, nos termos neutros, união dos subcontrários “nem um nem outro” (LANDOWSKI, 2001, p. 37). A construção do quadrado semiótico contemplando assim essa proclamada dinâmica de passagens entre essas lógicas é projetada pelo autor por tipos de relações que os valores mantêm entre si; e se estamos aqui retomando a construção a partir do eixo dos valores subcontrários é justamente em razão da força que essas ações desempenham no social e das quais a teoria semiótica se ocupa abordando o fazer performático em dois subeixos. O fazer fazer, ação dos homens que atuam sobre a volição de outros homens, em uma interação movida por competências de várias ordens para assegurar com as modalidades as suas performances, as quais têm a atuação de um destinador que faz fazer o outro sujeito, e, em oposição, o fazer sentir, encontro entre sujeitos, quaisquer que esses sejam, homens, coisas, objetos que, em reciprocidade, interatuam como sujeitos fazendo sentir um ao outro, graças à competência estética de um e à consistência estética do outro. Tais competências, inclusive, animam o percurso da realização sensível, na duração do encontro, pela disponibilidade do fazer juntos, sem qualquer intervenção de um destinador externo: somente os dois sujeitos no curso livre da interação que os fazem desabrochar no que realizam.

Estamos na reoperação das lógicas de junção e de união regentes dos dois regimes postulados por Landowski, o regime da estratégia/manipulação *versus* o regime do ajustamento que ocupam as posições de subcontrárias do diagrama do quadrado semiótico de Greimas. Vejamos no esquema que parte de uma oposição de base, essas duas lógicas em oposição para nos situarmos nesse desenvolvimento conceitual que Landowski acresce:

FIGURA 2 – REGIME DE INTERAÇÃO: ESTRATÉGIA *VERSUS* REGIME DA INTERAÇÃO: AJUSTAMENTO



FONTE: Adaptado pela autora da esquematização de Landowski (2014, p. 80).

A teoria semiótica centrou-se nas ações, no que qualifica o sujeito pelo seu fazer, e, direcionada por essa qualificação que as performances configuram, promoveu também por relação de implicação a essa oposição subcontrária um eixo da identidade organizado pela oposição de base que é a formadora do ser. Da oposição de base que constrói o sentido dos

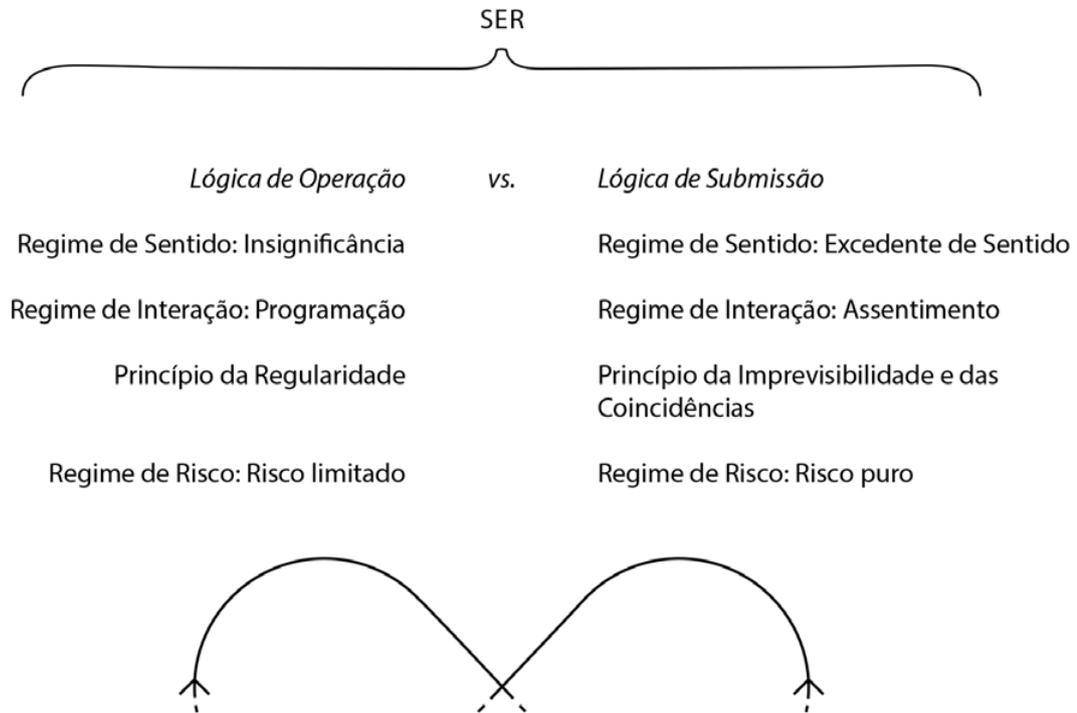
sujeitos, dos objetos e das coisas do mundo: contínuo *versus* descontínuo, a partir da qual Greimas edificou várias construções do sentido, iniciadas já na sua primeira obra *Semântica estrutural* (1966), seguidas à preparação de uma receita em *A sopa ao Pistou ou A construção de um objeto de valor* (1976), e em *Por uma semiótica topológica* (1976) – e que ele retomou em *Da imperfeição* –, Landowski vai distinguir a diferença entre as lógicas regentes de cada um dos quatro regimes, para refinar o modelo conforme viemos argumentando ao longo do artigo.

Do lado do contínuo, a lógica é a das operações que regulam o funcionamento a partir do estabelecimento de um princípio da regularidade. Pela repetição no contínuo, é instaurado um tipo de construção do sentido voltado para as operações e programas articuladores que asseguram a eficácia da engrenagem de funcionamento. Para que um sujeito opere sobre outro sujeito, uma coisa, um objeto qualquer, é necessário que esse esteja programado e que tenha uma estabilidade de funcionamento. Assim, a estabilidade é minimizadora de riscos, pois quanto mais reguladas forem as operações, mais elas se desenrolam com segurança. Se por um lado a repetição controlada provoca a eficácia das ações, por outro ela organiza a rotina, uma mesmidade que instaura a monotonia e assegura a operação de sucesso marcada pela previsibilidade e pela conseqüente realização controlada. Landowski postula que nos discursos programadores a regência é de causalidades físicas que proporcionam o automatismo de nossos atos. O autor trabalha ainda no social com outras formas de regularidade, como a dos condicionamentos socioculturais que são tomados como verdades inquestionáveis e que por isso mesmo movem o viver ordenadamente com a fixação de repetições. As repetições reiteradas conservam o sentido de regulação ao se transformarem em rotinas a partir de motivações funcionais, intencionais, estésicas e estéticas.

Na dêixis oposta ao contínuo, a do descontínuo, a regência é do princípio da aleatoriedade, da imprevisibilidade. Desprovido do papel de destinador, nessa o que irrompe pontualmente o contínuo ocorre sem previsão, inesperadamente, assim fratura a ordenação, pela irregularidade, e ocasiona uma desregulação e uma desordem às quais só é cabível um assentimento. Enquanto explosão, resulta um excedente de sentido e tem como lógica a submissão. Diante do insensato, da absurdidade do acidente com as suas dimensões de descontinuidades, cabe o assentimento a seus desafios.

Entre as lógicas *de operação* e *de submissão*, os regimes de sentido, interação e risco específicos que elas definem emanados do termo complexo de construção do ser, do processo de formação da identidade, pode ser assim esquematizado:

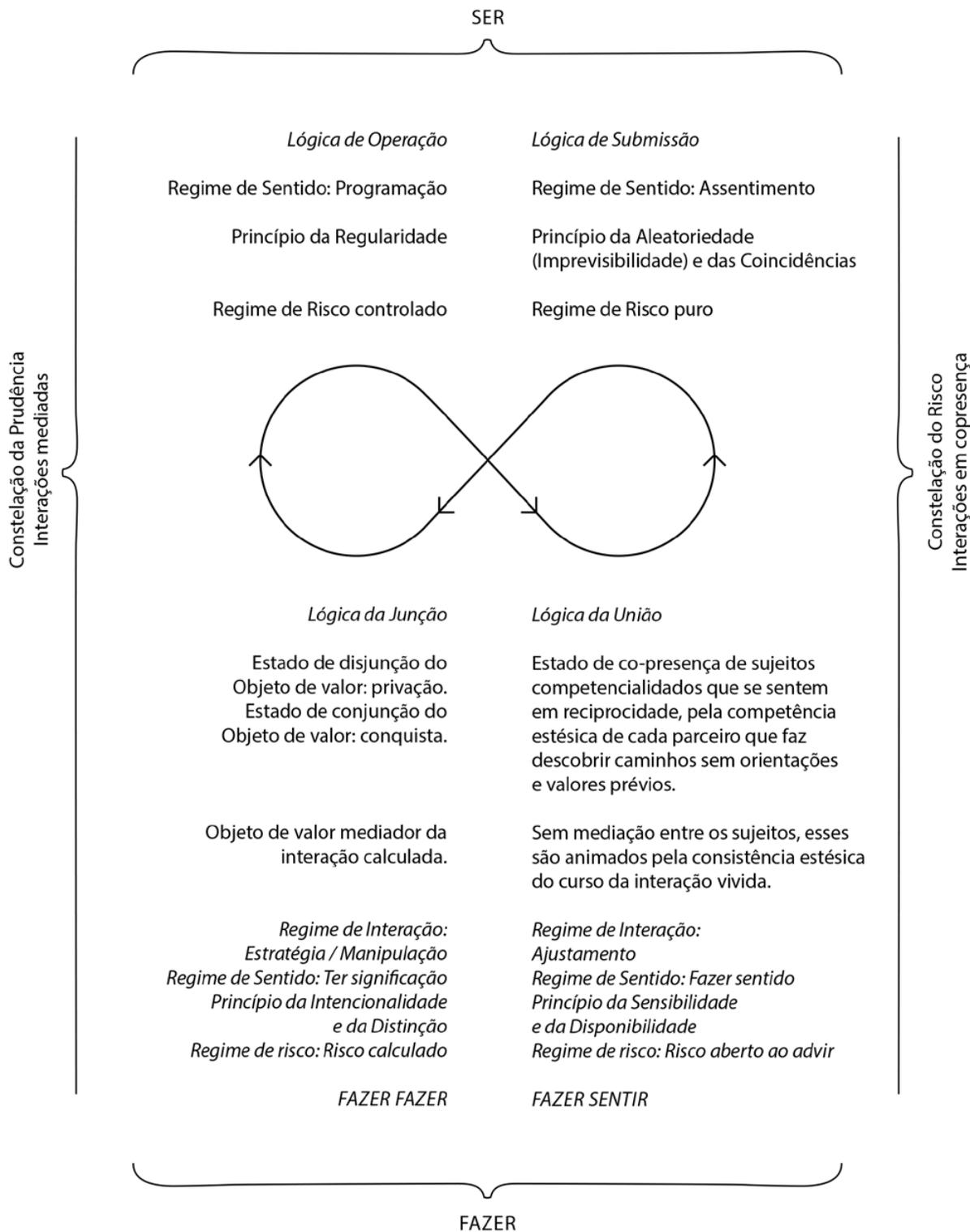
FIGURA 3 – O TERMO COMPLEXO QUE DEFINE O *SER* A PARTIR DA DOMINÂNCIA ESTABELECIDADA ENTRE REGIME DE INTERAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO VS. REGIME DE INTERAÇÃO DE ALEATORIEDADE



FONTE: Adaptado pela autora da esquematização de Landowski (2014, p. 80).

Mostradas as atuações das quatro lógicas na definição de cada uma das quatro sintaxes que formam, voltemos ao diagrama completo proposto por Landowski, mas agora o visualizando na dinâmica do diagrama elíptico. Nesse âmbito, essa representação dos regimes dá mais visibilidade à compreensão dos percursos, mesmo porque, com essa figura de encadeamentos dinâmicos, as direções mostram os delineamentos das passagens de transformações, que definem processualmente o ser a partir de seus modos de ações. A identidade é, pois, uma suspensão da dinâmica de constituição identitária para o analista flagrar, como em um *click* do dispositivo dos modos de construção da aparência, o registro sempre parcial de sua configuração em contínua transformação.

FIGURA 4 – A VISÃO GERAL DA DIAGRAMAÇÃO ELÍPTICA DE LANDOWSKI COM A DINÂMICA DE PASSAGENS ENTRE OS REGIMES



FONTE: Adaptado pela autora da esquematização de Landowski (2014, p. 80).

Para um encerramento de continuidades

Nossa abordagem objetivou mostrar sinteticamente a teoria semiótica de Greimas como um arcabouço teórico e metodológico que se volta à construção do sentido nas diversas práticas sociais que compreendem a vida humana, mais especificamente, tomamos o corpo vestido para discorrer sobre alguns apontamentos de suas linguagens que se constituem sincreticamente como uma presença na vida cotidiana, delineando aparências dos sujeitos, dando-lhes visibilidade aos modos como eles querem ser, devem ser, podem ser, sabem ser, sentem-se ser e são, por esses arranjos apreensíveis e reconhecíveis no social. Além disso, este projeto ainda se debruçou em propagar a contribuição e a fecundidade da teoria semiótica, bastante produtiva em suas análises axiológicas, exame das narrativas como modelo operatório de descrição da sintaxe interactancial – e o mesmo se estendendo à noção de narratividade presente em todo objeto semiótico. Nessa sintaxe, constrói-se o sujeito com ele mesmo; o sujeito com o outro e com os outros sujeitos, mas também com os objetos e as coisas do mundo.

Para os estudos do corpo vestido, há ainda muito a ser feito em termos de compreender como em cada sociedade local o global faz-se presente e como ele intervém tanto na cadeia produtiva e de distribuição de produtos quanto na do consumo dos grupos sociais, refletindo como esse consumir se edifica como mais um possível modo de ser. Quando olharmos as nossas cidades, as ocidentais pelo menos, é espantoso como lojas e cadeia de lojas vestimentares e de acessórios tomam conta das urbes nos assinalando o domínio da produção da indústria da moda em um sentido muito largo. Sem contar com os infindáveis serviços de cuidados com cabelo, unhas das mãos e dos pés, pele, sobrancelha e também com os dentes que estão por todos os cantos apregoando fórmulas de construção da aparência que tanto operam sobre a sociedade para seguir padronagens quanto a manipulam para aderir certos arranjos da aparência em detrimento de outros.

Podem-se observar no império do consumo de produtos e de serviços algumas outras tendências emergentes que chamam as pessoas a melhor avaliarem como processam o seu vestir o corpo para se tornarem um sujeito no social com mais consciência de seu fazer ao construir os sentidos de sua aparência. O grande destinador do consumo não pode mais ser predominantemente tão somente as empresas, marcas e os produtos, pois há um destinador em cada sujeito que precisa galgar as competências cognitivas e estéticas para poder e saber decidir por si mesmo as suas escolhas. A sintaxe do regime do ajustamento parece ser imperativa nessa revisão de modos de presença no mundo: se quisermos exercer um papel mais próprio na vida social, a hora está lançada para emergir novos encontros movidos por mais moderação no consumir que pode bem possibilitar a descoberta de mais vida pela vida.

Mesmo se mostramos a força vigente do destinador da moda no seu agir sobre o destinatário com um fazer persuasivo recoberto por distintos mecanismos do fazer fazer, enfatizamos por outro lado as situações em que há um apagamento do destinador e, sem nenhum valor previamente atribuído, os sujeitos que interatuam na experiência partilhada vão eles mesmos, por conta própria e não pela intencionalidade de um destinador, construir

em ato o sentido e partilhar um sentir o corpo para se sentirem bem consigo mesmos. E também, temos de nos voltar às aleatoriedades que irrompem por mais controlada, estratégica e persuasiva que seja a nossa sociedade. Modos de vestir inesperados que entram em circulação causando espanto pelo inusitado, mas que muito rapidamente são absorvidos pela indústria da moda como estratégias de marcas, a exemplo, muitas vezes, do movimento do *bubble-up* que citamos, ou mesmo da transformação das máscaras de proteção individual, nos tempos da pandemia, em acessório de moda, envolto por valores simbólicos, estéticos, econômicos de várias ordens.

A complexidade das várias sintaxes com as suas flechas indicativas das orientações moventes, ou seja, das passagens continuadas, é o que o modelo de Landowski mostra como funcionam juntas sintaxes particulares que podem ser mais trabalhadas pelos que pensam e atuam sobre a construção da aparência do corpo vestido.

O próprio sujeito e grupos de sujeitos podem intervir na imperfeição da sua vida cotidiana, de si mesmo e, na sua continuidade, decidir-se por ensaiar e experimentar pequenas transformações que mantêm a gradação da força significativa do seu corpo vestido cuja atuação pode ser autorregulada. Cabe a cada sujeito o cultivo ativador do sentido que o possibilita viver pelo e com o desfrute do que lhe é aprazível. A sintaxe, que é na semiótica, semantizada, determina o que está nela investido para afetar os estados de alma e de ânimo dos envolvidos na trama narrativa, definindo assim os modos de andamento interactancial no encadeamento de suas etapas.

O alcance da sintaxe narrativa com os desdobramentos aportados por Landowski aqui discutidos tornou a contribuição mais original da semiótica que tem mostrado o atuar na perspectiva que o mestre Greimas a projetava com uma posição de disciplina ancilar às abordagens das demais disciplinas das Ciências Humanas. Como o método comum do percurso gerativo do sentido, que é a teoria mesma, a semiótica pode estar a serviço das distintas disciplinas do campo vestimentar e da moda e ser um arcabouço do qual os estudiosos se servem para compreensão e entendimento da moda e da aparência.

Antes de terminar, porém, é pertinente ressaltar a busca do semioticista de estar na *boa posição* para capturar, descrever e analisar o objeto semiótico e poder chegar às articulações dos traços da construção do sentido. Como um pesquisador reflexivo e político, na medida em que assume posições, cabe ao semioticista a todo tempo formar um entendimento do que se passa, do que põe em relação e situar as diferentes perspectivas de análise dos fenômenos sociais, assumindo que é o ponto de vista que constrói o objeto e sua análise semiótica está comprometida com a maior compreensão do sentido, antes de todos mais, do sentido da vida.

Referências

CASTILHO, Kathia. **Configurações de uma plástica**: do corpo à moda. 1998. 166 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/5168>. Acesso em: 20 jan. 2021.

FLOCH, Jean-Marie. A contribuição da semiótica estrutural para o design de um hipermercado. Trad. Sílvia Alencar com a colaboração de Jenara Miranda. Primeira revisão de Ana Claudia de Oliveira e Yvana Fechine. Segunda revisão de Liana Costa. *In*: OLIVEIRA, Ana Claudia de; MARTYNIUK, Valdenise Leziér (orgs.). **Sentidos do consumo**. Os desafios do cenário contemporâneo à luz da semiótica de Greimas. São Paulo: Educ, 2017, p. 52-85.

GREIMAS, Algirdas. J. **Semântica estrutural**. Trad. Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Edusp/Cultrix. 1973.

GREIMAS, Algirdas. J. **Semiótica do discurso científico**. Das modalidades. Trad. Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Difel, 1976.

GREIMAS, Algirdas. J. Por uma semiótica topológica. *In*: **Semiótica e Ciências Sociais**. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981.

GREIMAS, Algirdas. J. **Semiótica e Ciências Sociais**. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981.

GREIMAS, Algirdas. J. e COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias e Al. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

GREIMAS, Algirdas. J. e COURTÉS, Joseph. **Semiótica**. Dicionario Razonado de la Teoria del Lenguaje. Tomo II. Trad. espanhol: Enrique Vallón Aguirre. Madri: Editorial Gredos, 1991, p. 232-233.

GREIMAS, Algirdas. J. Semiótica figurativa e semiótica plástica. Trad. Ignácio Assis Silva. *In*: OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Editora Hacker e Editora do CPS, 1992.

GREIMAS, Algirdas. J. A sopa ao Pistou ou a construção de um objeto de valor. Trad. Edith Lopes Modesto. **Significação**: revista de cultura audiovisual, São Paulo, 1996, n. 11-12. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1996.90509>. Acesso em: 20 jan. 2021.

GREIMAS, Algirdas. J. **Da imperfeição**. Trad. Ana Claudia de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2017.

GREIMAS, Algirdas. J. **La mode en 1830**. Langage et société: écrits de jeunesse. Paris: P.U.F, 2000.

LANDOWSKI, Eric. Do referente, perdido e reencontrado. *In: **Cruzeiro semiótico***, Porto, 1995, n. 17.

LANDOWSKI, Eric. O olhar comprometido. *In: **Galáxia***. n. 2. Trad. Ana Claudia de Oliveira e Marcia Vinci. São Paulo: EDUC, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/3c9Hn9v>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. Ensaios sociosemióticos II. Trad. Mary Amazonas. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LANDOWSKI, Eric. **Passions sans nom**. Essays sócio-sémiotiques III. Paris: P.U.F, 2004.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Trad. Luísa Helena de Oliveira. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

LANDOWSKI, Eric. Vinte anos depois. A propósito de semiótica figurativa e semiótica plástica. *In: LANDOWSKI, E. **Com Greimas***. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2017.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. A plástica sensível da expressão sincrética e enunciação global. *In: OLIVEIRA, A. C. de; TEIXEIRA, L. (orgs.). **Linguagens na comunicação: Desenvolvimentos de semiótica sincrética***. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2009.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. Interações discursivas. *In: OLIVEIRA, Ana Claudia de (ed.). **As interações sensíveis***. São Paulo: Estação das Letras e das Cores e Editora do CPS, 2014.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. (org.). **Sentido e interação nas práticas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores e Editora do CPS, 2016.

PROPP, Vladimir. I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad. Lúcia Pessôa da Silveira. São Paulo: Forense Universitária, 1984.